

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida,
Dr. Antonio do Valle e Sousa,
Conde da Esperança,
E. Severim de Azevedo (Crispim),
Ferreira Mendes,
D. Jorge de Menezes,
J. Nunes de Freitas,
Luiz Trigueiros,
D. Maria O'Neill.

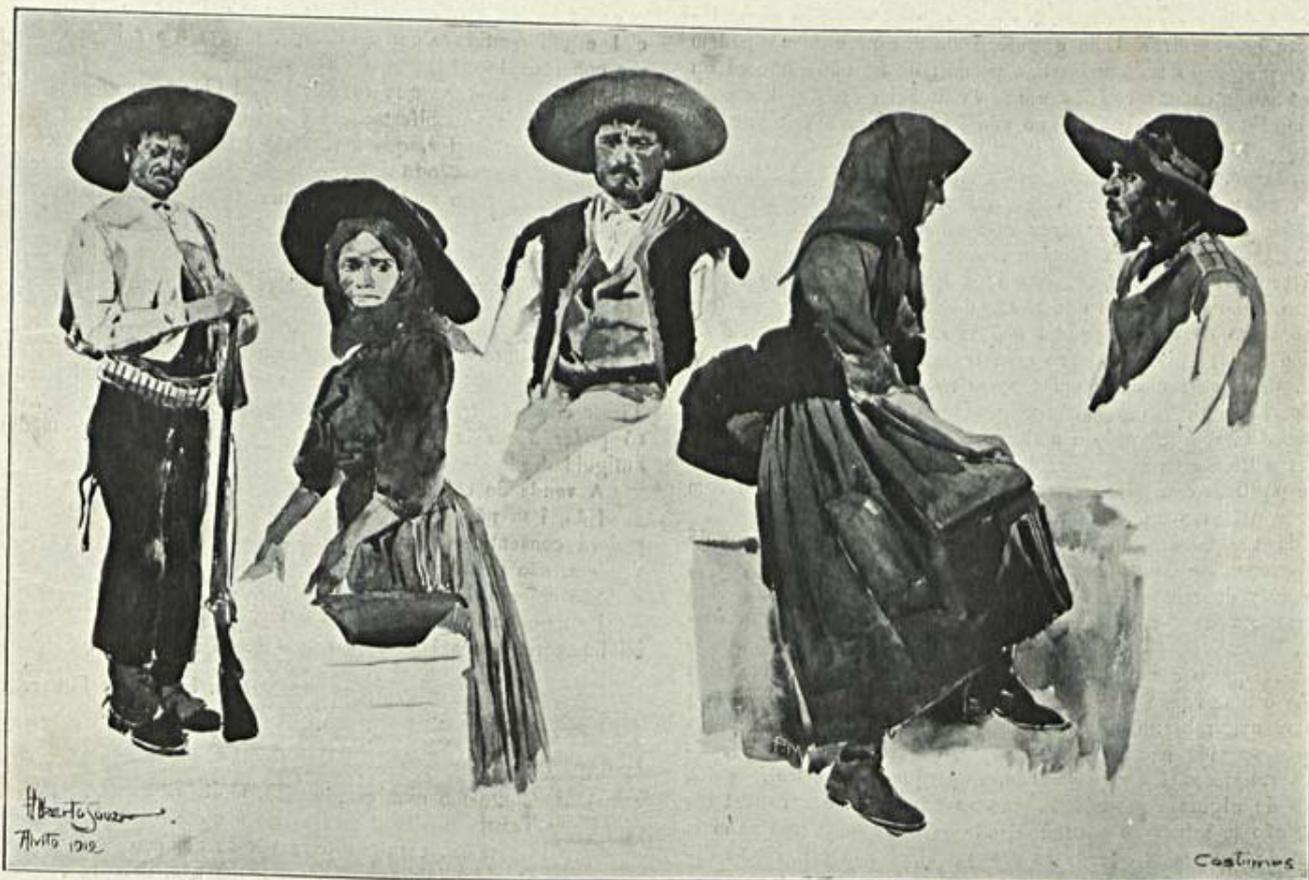
CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Annuario Commercial.

16 DE FEVEREIRO DE 1913

N.º 338

Assumptos artisticos

Exposição de aguarellas de Alberto Sousa



Costumes alemtejanos (Alvito)

(Phot. de ***)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de fevereiro de 1913

Não deixa saudades a quinzena que hontem findou. Os factos que a assignalaram não são d'aquelles que produzem jubilo, pois pertencem ao numero dos que só causam tedio, para não me servir d'outra palavra, que exprimindo melhor o meu pensamento, não era, entretanto, tão benevolente como a que ahí fica escripta.

E então o carnaval? perguntará alguém — o carnaval não é uma cousa alegre? Não são tres dias de folga, durante os quaes se segue bem á risca a philosophia popular que nos ensina que *tristezas não pagam dividas*, tanto que, por essa occasião, ha muito quem as pretenda saldar cantando e fazendo momices para divertir os outros?

Ora acerca do carnaval, a verdade é que, apesar dos artigos laudatorios de certos jornaes, que desde ha uns trez annos adquiriram o habito de lisongear tudo quanto se passa na nossa terra, os factos impõem-se, deixando ver a todos que o tal entrudo foi dos mais brutaes e até dos mais sanguinarios que tem havido n'estes ultimos tempos.

Nada menos de cinco assassinatos se praticaram e, como prova do enthusiasmo d'esses dias, a imprensa registou que a certa altura o edital do Governo Civil foi positivamente rasgado, servindo de projectil tudo quanto fizesse mal, a batata, a pera, a pesadissima *cocotte*, a posta de bacalhau, o saquinho cheio de areia e alfinetes, a seringa cheia de ammoniaco, tudo emfim quanto servisse para mostrar que estamos n'um paiz animadissimo, onde nenhuma falta fazem os que de cá teem sahido.

Digno de nota é tambem terem apparecido e serem consentidas, apesar da prohibição superior, mascaradas offensivas da religião e a grande quantidade de garotos que a policia prendeu durante os tres dias, havendo, porém, para com elles a benevolencia de os mandar soltar logo pouco depois.

O carnaval de 1913 foi, portanto, tudo quanto ha de peor e nem podia deixar de ser assim. No paiz não ha dinheiro nem alegria para brincadeiras. Uma grande parte dos que sabem e podem brincar, porque os seus meios lh'o permitem, ou não estão cá ou teem os parentes nas cadeias e nas Penitenciarias. Aquillo, pois, que a muitos pareceu enthusiasmo não foi senão um excesso de... mau gosto. E' que a batata e a posta de bacalhau são cousas muito nutritivas mas, talvez por isso mesmo, muito pesadas para brinquedo.

O carnaval, que a monarchia nos seus ultimos tempos tinha conseguido civilisar, reapareceu este anno com a selvageria antiga. Andámos para traz e foi pena.

Eu bem sei que a monarchia o ia matando, mas nada se perdia com isso. O carnaval não tem razão de ser. A existencia de tres dias no anno durante os quaes é bonito dizer cousas feias, é de bom tom andar sujo, molestar quem transita pelas ruas ou está á janella, prestar-se cada um á troça e ao ridiculo, sendo caricato e até perigoso tirar um desforço que logo a seguir, na quarta-feira de cinzas, é tolerado e muitas vezes applaudido, tratando-se de cousas bem mais insignificantes, se não revela que a humanidade é positivamente maluca, então declaro que a logica e o bom senso são palavras sem sentido.

Nada se perdia, repito, se, por meio de leis prohibitivas de certos excessos e brincadeiras, se fosse acabando pouco a pouco, mas o mais depressa possivel, com o entrudo, o velho folião. Não era um acto de tyrannia, era a execução d'uma medida civilisadora.

Diz-se que o carnaval faz girar muito dinheiro. E' certo, mas isso não é uma razão para que não se acabe com elle; não o tem sido para evitar a suppressão de cousas muito intimamente ligadas com a nossa vida nacional, como são as procissões e outras festividades religiosas. Estas prohibiram-se porque eram *offensivas* das crenças de algumas pessoas... que as não teem, o carnaval tolera-se não se sabe bem porquê. E não obstante nada ha que mais incommode, que mais offenda as crenças alheias, a religião, a dignidade, o socego das familias, e até as lagrimas que muitos choram porque a vida lhes não corre bem ou a morte lhes levou um ente querido no proprio momento em que os foliões se divertem por essas ruas e praças publicas.

Basta de carnaval. O assumpto não merece tanta prosa, embora mal alinhavada, como a que já lhe consagrei. A outras cousas tenho que me referir, embora ligeiramente.

Eu disse acima que não deixava saudades a quinzena finda e quero justificar a minha asserção.

Quatro cousas a assignalaram: o já hoje celebre *cerimonial dos capuzes*, as reclamações diplomaticas, em que por ahí já se falla, motivadas pela questão das congregações religiosas, o passeio que a sr.^a D. Constança Telles da Gama deu pelas ruas da cidade, em carro cellular, do Aljube para o Tribunal Militar de Santa Clara, e a circular d'uma loja maçonica pretendendo que se intime o governo a hypothecar ou vender as nossas colonias de Macau e de Timor.

Do *cerimonial dos capuzes* pouco ha a dizer que não esteja dito já. Notarei, todavia, que, se o regimen tirou o capuz a todos os penitenciarios foi tambem elle que o impoz aos condemnados politicos, isto é, que antes de praticar uma boa acção, primeiro havia commettido um acto que mereceu a mais completa censura. E notarei mais que a solemnidade que se deu ao caso com a presença de tres dos actuaes ministros, aconselhando um d'elles aos reclusos, no seu discurso, o arrependimento e a disciplina, foi tudo o que podia haver de mais inconveniente e de mais extraordinario, pois que toda a gente sabe que o condemnado politico, quaesquer que sejam os seus ideaes, faz *gala* do seu *crime*, sendo até vulgar repeti-lo, como aconteceu com alguns dos vultos da Republica. A homens como D. João de Almeida não se aconselha em taes casos o arrependimento e estou certo de que a maior fineza que poderiam fazer-lhe, muito maior mesmo do que a de lhe tirar a mascara, que só concorreu para o tornar mais conhecido, era a de lhe evitar o dissabor de tal discurso e de tal cerimonia.

Das reclamações diplomaticas não fallarei. O assumpto não está ainda sufficientemente claro e em taes casos impede-me de o discutir o patriotismo que deve ser timbre de todos os portuguezes.

Quanto ao passeio da sr.^a D. Constança Telles da Gama e á circular da loja maçonica, são duas cousas que em parte se ligam e se completam. Com effeito, nenhum momento podia ser mais apropriado para propôr a venda das colonias como aquelle em que a neta de Vasco da Gama, o descobridor do caminho maritimo para as Índias, era conduzida em carro cellular ao Tribunal Marcial e ahí mettida n'um calabouço. Chega a ser logico, chega a ser coherente!

Mas que tristeza que tudo isto faz! Quem como eu assistiu e tomou parte nas manifestações academicas realizadas por occasião do *ultimatum* inglez, quem viu a academia toda unida como um só homem, não havendo differenças de pensar entre monarchicos e republicanos, quem sentiu o enthusiasmo patriotico que esse acontecimento provocou em todo o paiz e conserva ainda nos ouvidos os inflammados discursos dos srs. drs. João de Menezes e Alexandre Braga, quem conheceu de perto a abnegação com que os estudantes de Lisboa, Porto e Coimbra, se propunham organizar batalhões academicos para irem á Africa defender o nosso patrimonio colonial, não quer ouvir nem pôde entender a linguagem prosaica d'essa circular maçonica na qual se falla de Macau e de Timor como de trapos inuteis, farrapos d'um glorioso passado, que só poderão servir para augmentar a collecção d'um amator de antiguidades!

A venda de colonias?!

Não, isso não, escusam de pensar em tal porque o paiz tudo poderá consentir e tem consentido, menos isso. As colonias não se vendem, não se dão, não se alugam.

São objecto da cobiça dos estrangeiros?

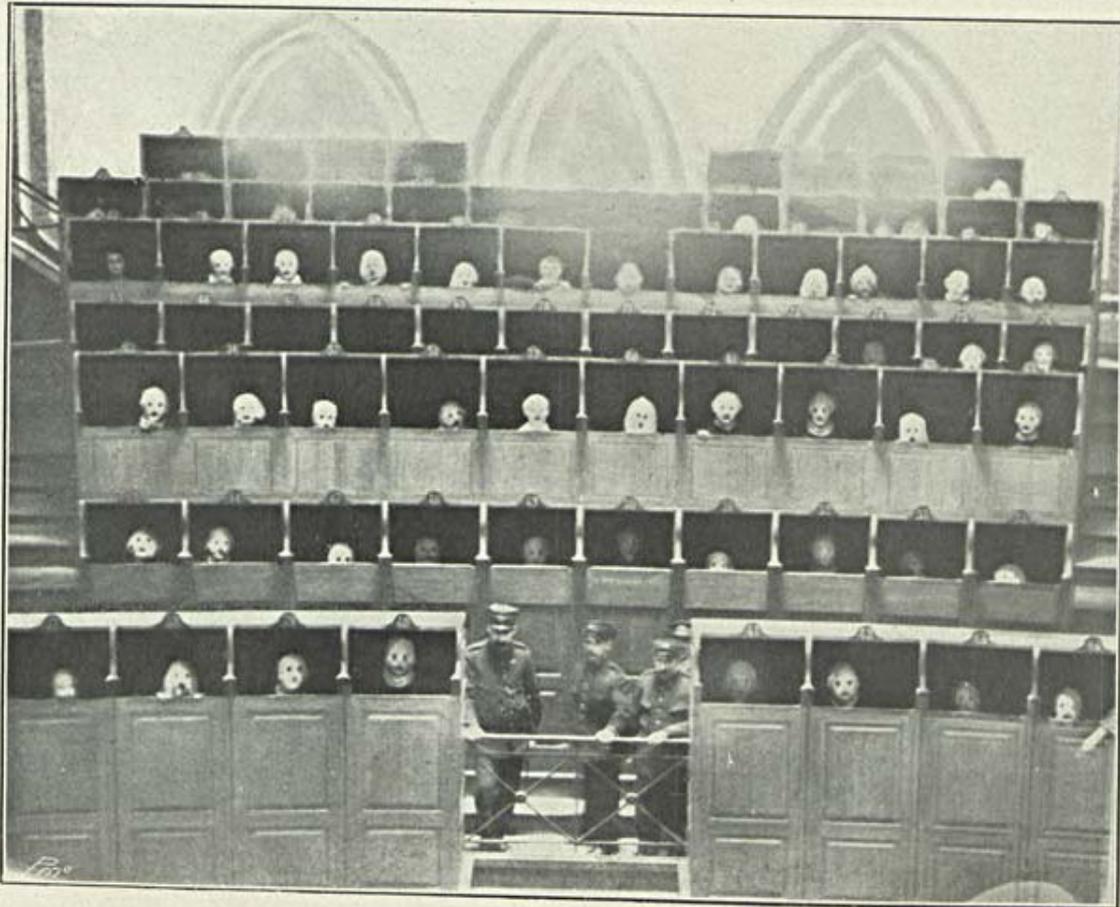
Pois que as levem... mas á força. Não será empresa difficil, infelizmente, mas salva-se ao menos a dignidade nacional.

J. NUNES DE FREITAS.

Canta-me cantigas, manso, muito manso...
Tristes, muito tristes, como á noite o mar...
Canta-me cantigas para vêr se alcanço
Que a minh'alma durma, tenha paz, descanso,
Quando a morte, em breve, m'a vier buscar!

GUERRA JUNQUEIRO.

NA PENITENCIARIA DE LISBOA



Os reclusos antes de lhes ser ordenado que tirassem a mascara

Cartas do Rio de Janeiro

Aquem e Além-mar

V

Os congressos internacionaes da imprensa — O Brasil nos Congressos — Um Congresso no Brasil?

E é para lamentar que até hoje o Brasil não tenha tido representação n'esses Congressos. (D'O Exterior pelo telegrapho, no Jornal do Brasil, de 23).

Não póde justificar-se a phrase que serve de epigraphe ás palavras que vão lér-se, sem um depoimento desenvolvido e seguro sobre a existencia, a constituição, o trabalho e os fins da Associação Internacional que periodicamente realiza estes Congressos. E o Acaso permite que faça hoje esse depoimento quem em muitos d'esses Congressos tem tomado parte como delegado eleito da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras de Lisboa.

O delegado do bureau em Portugal é Magalhães Lima, que hoje accumula essas funcções com a de Presidente da nossa Associação de Lisboa, a cuja direcção pertence, e que só por mim e por elle se fez representar ha 19 annos no primeiro Congresso a que assisti: o de Stockholmo, um dos

Uma visita a D. João de Almeida



O sr. ministro e a sr.ª ministra da Austria sahindo da Penitenciaria depois da visita a D. João de Almeida

*(Phot. de ***)*

mais brilhantes, um dos mais réussis, dos mais fecundos em vantagens obtidas, porque o Rei Oscar, marinheiro, litterato e poeta, que despendera do bolsinho real uns trezentos mil francos para o

A conspiração monarchica



No Tribunal Marcial de Lisboa — Julgamento do padre Avelino de Figueiredo e d'outros accusados politicos

exito do Congresso, caprichára, e conseguira que elle se celebrasse na sua Capital, para que a imprensa de todo o mundo reconhecesse *de visu* o desenvolvimento intellectual e scientifico e os progressos materiaes não só da Suecia, mas de toda a Scandinavia.

Para sempre me ficaram gravadas na memoria as palavras do Rei ao inaugurar o Congresso no austero salão do Palacio da Nobreza, ao lado de seu filho o Principe Real, que hoje preside aos destinos da Suecia: «Muitos dos senhores, disse elle no seu francez parisiense, vão, talvez, surprehender-se, ao saberem que estão em um paiz tão amante das liberdades publicas que nos seus resumidos codigos não tem leis contra a imprensa, porque não precisa d'ellas. Os que abusam da publicidade, os que empregam violencias de linguagem, os que infringem as leis do decóro e do respeito devido aos outros, são castigados pela opinião publica, que os despreza e põe á margem. E esse castigo lhes basta.»

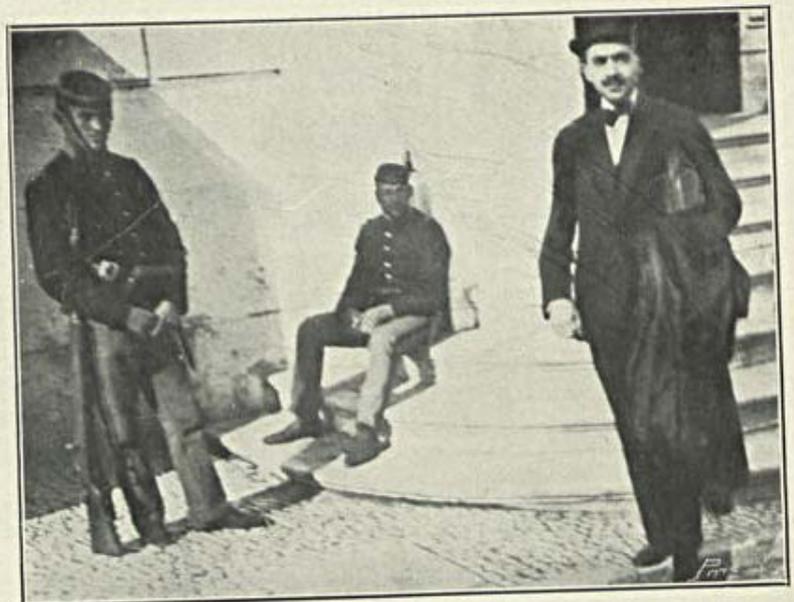
Todas as nações cultas da Europa tinham representantes nessa sala. Limitaram-se a olhar uns para os outros, como que envergonhados de irem aprender lições de civilização social aos confins septentrionaes da civilizada Europa.

Mas eu não teria tempo de passar a outro assumpto se tentasse descrever-lhes os requintes, os primores, o *savoir faire*, da hospitalidade scandinava. Não era só na desnecessidade das leis de imprensa que elles nos davam lições: era na forma elevada por que discutiam os assumptos da ordem do dia nas nossas sessões ordinarias, era na maneira porque organizavam as festas brilhantissimas do Congresso, os banquetes em Copenhague, em Stockholmo, e em Christiania, os passeios em vapores embandeirados pelo golpho da Finlândia, a maravilhosa visita aos *fiords* da Noruega, e ás poderosas fabricas de serração de madeira, e aos exercicios de natação, e aos institutos de instrucção primaria e superior, e as longas excursões á Dejecarlia e á Patagonia, e, desde Paris as recepções brilhantes que, por iniciativa do «comité» sueco, tivemos em Bruxellas, em Copenhague, em Malmoe, em Trondjheim, em Hamburgo, em Colonia, e em Berlim.

Foram dias de encantamento, de sonho, em que a

Civilização nos envolvia, em que os espiritos permutavam ideias e de aquisições novas se enchiam os cerebros, trazidas pela arte, pela paisagem, pelas innovações da industria e de todas as sciencias. Para a viagem pela Vida fóra era uma esplendida e utilissima bagagem intellectual.

Tomei parte depois nos Congressos de Liège, de Paris, de Berlim, de Londres, e ainda o anno passado no de Roma. Fui se-



Julgamento do padre Avelino de Figueiredo e dos seus companheiros — O dr. José de Arruella, advogado de defeza de dois dos reus, sahindo do tribunal por lhe ter sido impedido formular um requerimento nos termos que julgou de direito.

(1901. de ...)

cretario do «comité» organizador do Congresso reunido em Lisboa, do qual foi Presidente o grande e saudoso escriptor Antonio Ennes, que poz todo o seu prestigio de jornalista e homem de Estado ao serviço do Congresso, conseguindo do Sr. José Luciano, que presidia ao governo de então, todos os auxilios e facilidades para que fosse condigna do hospitaleiro Portugal a recepção aos jornalistas estrangeiros.

Amedrontava-nos o numero, é certo, porque mais de seiscentos

O carnaval em Lisboa



Creanças mascaradas que estiveram no baile do «Republica»

se tinham inscripto, e entre elles muitas senhoras, ou jornalistas ellas mesmas, ou esposas, mães e irmãs dos jornalistas, ás quaes são tambem concedidas reduções 50 % nas passagens e todas as outras regalias de que disfructam os membros do Congresso.

Pois, apesar de tudo, de todos os nossos receios perante uma empreza de tamanha responsabilidade, mettemos-lhe hombros, e excedemos a expectativa dos maiores optimistas. Anos depois, quando nos encontravamos em outros Congressos por essa Europa fóra, raro era o jornalista estrangeiro que tivesse assistido ao de Lisboa, que não viesse para mim com um sorriso de alegre saudade e logo nos labios palavras evocativas dos dias felizes em Portugal, do brilhante discurso do Rei D. Carlos na Sociedade de Geographia, do banquete no theatro de S. Carlos, da recepção da Camara Municipal, do passeio no Tejo, das inolvidaveis festas de Thomar, de Cintra, de Cascaes e do Porto, e por fim do banquete de despedida na adega da Quinta do Vesuvio, ao pé da Regoa, a chamada Quinta da Ferreirinha, em que o seu proprietario, Antonio Bernardo Ferreira, gastou muitos contos de réis, conservando, depois da vindima, a uva nos bacellos, adornando rusticamente com cachos formidaveis a ampla adega da quinta, e fazendo servir entre os toncis repletos um banquete de Lucullo, em que os famosos vinhos do Porto de 1815 e de 1830 foram celebrados com honras excepcionaes. Lembro-me de que o trem especial, que esperava de frente da quinta os congressistas que sahiam pela linha de Salamanca, déra o segundo signal de partida. Estão todos na gare? Não estão? Não. Faltava um, um jornalista francez, de Marselha.

E' certo que o trem estava á nossa ordem, mas isso não diminuía o embaraço em que ficámos, de não ver surtir de lado algum o nosso marselhez.

Era urgente uma resolução suprema: procural-o no infinito. Tomei-a eu. E, ou por inspiração de Deus ou por faro de secretario, corro como uma lebre por entre os bacellos avergados e penetro na adega. Lá estava o marselhez, mas em que posição, *per Bacco!* De joelhos, uma luva pendente na mão esquerda, e na direita, erecto, um copo quasi cheio de Porto de 1830! «Não pôde perder um minuto, vae partir o trem.» — disse-lhe eu offegante. Elle, sem se mover, dentro do seu correcto *smoking*, vermelho como um pimentão, os olhos humidos e fixos no doirado nectar, respondeu-me apenas: «E' divino!»

Lá consegui tiral-o do extase, e dez minutos depois confundiam se na gare do Vesuvio com os silvos agudos da machina os adeuses e os vivas entusiasticos aos congressistas estrangeiros que deixavam Portugal.

Em setembro proximo vae reunir-se em Haya o 16.º Congresso. Não conheço ainda a *Ordem do dia*, da qual hão de fazer parte algumas das theses que ficaram pendentes no Congresso reunido o anno passado em Roma. Fóra de confecção de leis de imprensa, o anonymato no jornalismo, fixação de bases sobre propriedade litteraria, responsabilidades em materia jornalística, criação de jurys especiaes para resolver questões entre jornalistas, etc., etc., são outras tantas theses que teem sido debatidas nas sessões dos varios Congressos, e muitas d'ellas resolvidas e votadas.

Quando o são entendem-se os delegados dos paizes, em nome do *bureau*, que tem a sua sêde em Paris, com os respectivos governos e parlamentos, para que as resoluções votadas, sempre que dos poderes officiaes dependam, sejam convertidas em lei.

A' intervenção de um dos Congressos Internacionaes se deve, por exemplo, a primeira redução que se fez nas tarifas para os telegrammas de imprensa. Ha, porém, a debater e solucionar maior numero de assumptos, que interessam em todos os paizes os profissionaes do jornal e do livro, do que os tratados e resolvidos até hoje. Por isso, os Congressos vão seguindo periodicamente a sua série e escolhendo todos os annos, para se reunirem, uma cidade, que, se fór possível, ainda não tenha sido a sêde de um Congresso anterior.

N'este sentido, têm-se dado hypotheses interessantes. Assim, já duas vezes se reuniram Congressos em Bordéos e em Roma; e, no emtanto, a Turquia e a Russia fizeram todos os esforços, por intermedio dos seus delegados, para que fosse celebrado em Constantinopla e S. Petersburgo o Congresso Internacional de Imprensa.

O apoio dos governos d'esses paizes era absolutamente assegurado, e, comtudo, nada conseguiram.

Não soava bem, não fazia bom sentido, que jornalistas e escriptores de todas as nações livres se reunissem para pugnam pelos seus direitos, defenderem os seus interesses, e, por assim dizer, promulgarem o seu Estatuto, dentro de um paiz em que a liber-



O carnaval em Lisboa — Grupo de creanças mascaradas que appareceram no baile do «Republica»

(Phot. de ***)

dade fosse um mytho e a imprensa uma escrava. Os Estados Unidos do Norte têm logar no *bureau* e têm tido mais de um representante em todos os Congressos.

Quer isto dizer o quê? Que para não perder o seu direito e o seu logar, a America supprimiu as distancias. E se assim pensaram e resolveram as Associações de Imprensa do Norte, porque é que não fazem o mesmo as do Sul? Não querendo ir mais longe, porque é que a imprensa do Rio de Janeiro, vasta, poderosa, com

larga influencia na opinião, não vae occupar o posto que lhe compete nos Congressos a realisar, começando já pelo de Haya, visto que até lá tem mais de sete mezes para agir, para se integrar no nucleo organizado da imprensa mundial? Se o numero de delegados de cada Associação legalisada é proporcional ao numero de socios, porque é que desde já se não põem as associações brasileiras em comunicação com o *bureau* de Paris para que as inscreva?

Com essa integração, grande serviço poderiam prestar não só aos profissionaes da classe, mas ao proprio Brasil, porque até me está passando pela mente uma hypothese radiosa. Impossivel? Já não ha impossiveis, e em Portugal é todos os dias repetida a phrase attribuida a Fontes, o estadista: «O facil não se pede, o difficil faz-se, o impossivel tenta-se»

O que n'este momento eu visio é a celebração de um d'estes Congressos no Rio de Janeiro: a imprensa de todo o mundo, representada por centenas de jornalistas, a dizer por todos os telegraphos, a descrever em todos os jornaes as maravilhas d'esta cidade, que, como paisagem, como topographia, como scenario, não tem rival no globo! — bem póde testemunhal-o quem conhece as principaes. Onde ha ahi propaganda que com esta se comparasse! Quem se atreveria a censurar um governo que todos, todos os auxilios prestasse para a execução de tal plano, secundado por todas

O SONETO

A LORJÓ TAVARES

Estatueta doirada, preciosa,
Fundida no crisól da fantasia,
E vasada depois com ousadia
Na fórma de Petrarca harmoniosa,

Com moldes de Rousard. Na mão fogosa
D'Elmano ganhou vida, valentia;
Graça em Diniz, galantaria;
Garção vestiu-lhe roupa donairoza;

Entreabriu-lhe o sorriso Tolentino;
Levou de Penha e Crespo acabamentoo;
De Guimarães o cinzel rapido e fino.

Teve d'Antero o sonho, o sofrimento;
Camões, porém, ao bronze florentino
Deu alma e cörper — a fórma e o sentimento!

J. DE OLIVEIRA SIMÕES.



O carnaval em Lisboa — Galera com senhoras pertencente ao sr. José Teixeira

(Phot. de A. C. Lima)

as colonias estrangeiras? Que maior e mais patriótico impulso poderia ser dado a um paiz como o Brasil, que tantos detractores tem lá fóra, e tão pouca propaganda tem feito dos seus productos, dos seus encantos, das suas riquezas, dos seus progressos!

Colossal, inegalavel propaganda seria essa, e se fossem homens da imprensa que a conseguissem, encheriam de novo brilho a sua instituição e prestariam á sua patria o maior dos serviços. Pensem n'isso.

Rio, Janeiro, 1913.

JAYME VICTOR.

Aprende em mim, tu que passando vais!
No amor e em toda a casta de prazer
Sê como ao pé da fonte o caminhante:
Bebe, descansa um pouco e passa adeante.

EUGENIO DE CASTRO.

Lgrimas

Não pode á vida, a morte sobrevir,
Quando é já morta a vida pela dor;
Oh santa companheira, oh meu amor,
Como hão de nossos labios, mais sorrir!

Reclina a tua frente no meu peito,
E vivamos um pouco do passado;
O futuro, é de nuvens carregado,
E o roseiral em flor ficou desfeito!

Fita em mim os teus olhos rasos d'agua,
Que os meus não deixam nunca de chorar;
As lagrimas caindo de vagar,
Vão sulcando no rosto a nossa magoa!

CONDE DA ESPERANÇA.

Cuba — Maio — 1906.

O carnaval no Porto



O cortejo dos estudantes—Cavallaria andante

HOSPITAES

Ha em todos os hospitaes um dia da semana destinado para a visita familiar aos doentes. E' n'esse dia que os parentes e amigos são admittidos a penetrar até junto dos leitos onde jazem os pobres enfermos, saindo umas vezes cheios de esperança e jubilo, outras penetrados de receio e desanimo, e quantas mesmo lá vão encontrar a fatal noticia do fallecimento d'aquelles que lhes são caros!

A proposito d'isto vamos dar aos nossos leitores algumas noticias historicas ácerca dos estabelecimentos hospitalares no nosso paiz.

Os hospitaes foram conhecidos em Portugal desde o principio da monarchia, especialmente as *albergarias* (hospitaes de peregrinos e caminhantes) e as *gafarias* (hospitaes de leprosos). (*)

No testamento de D. Sancho I apparecem diferentes legados em favor do hospital dos Captivos em Santarem, e dos *gafos* em Coimbra.

No tempo de D. Affonso III eram já tantos aquelles institutos, e tão avultadas as suas rendas, que o bispo do Porto e outros prelados se queixaram ao papa de que o monarcha lhes usurpava a administração e os bens dos hospitaes e albergarias.

Foi, porém, no reinado de D. João II que a instituição hospitalar começou a ter maior desenvolvimento, graças ao zelo da virtuosa rainha D. Leonor, auxiliada nos seus piedosos intentos pelo seu confessor, o venerando Fr. Miguel Contreiras, da ordem da Santissima Trindade, natural de Valencia, em Hespanha, e que veio estabelecer residencia em Lisboa no convento da sua ordem, onde falleceu.

Foi a rainha D. Leonor que fundou o hospital das Caldas da Rainha, e é tambem de seu tempo que data a instituição do hospital de Todos os Santos, no Rocio de Lisboa, e no qual foram incorporados outros pequenos hospitaes, que então havia na capital.

(*) A este respeito diz Viterbo: «—E' pastoso o numero de gafarias que antigamente havia n'este reino. Foram os nossos maiores grandemente perseguidos d'esta ascorosa enfermidade, e por isso multiplicavam tanto estes domicilios de piedade fóra das povoações, pois que o perigo de infeccionar os saos os fazia alongar dos povos. Cessou quasi de todo esta enfermidade, depois que o panno de linho e o assucar refrescaram a cutis e adoçaram o sangue e se abandonaram os vestidos de lã ou de pelles ao carão da carne.»

Actualmente a lepra é rara na Europa e endemica na Asia e na Africa, sobretudo no Egypto.

Este magnifico estabelecimento, que por duas vezes em diferentes epochas foi victima de terriveis incendios e ultimamente arrazado pelo terremoto de 1755, foi, 20 annos depois, transferido para o collegio dos jesuitas onde ainda hoje se acha instalado com a denominação de hospital de S. José.

Fr. Domingos foi tambem o instituidor da Misericordia de Lisboa, confraria que, dentro em breve, e sob os auspicios da rainha, se propagou por todo o paiz, dando maior amplitude e melhor organização aos institutos hospitalares.

Circumstancia notavel:—Quando já estava proximo do termo da sua existencia de caridade e abnegação o benemerito frade hespanhol, que em Portugal tanto se desvelou na protecção aos enfermos (fins do seculo xv), nascia, na villa de Monte-Mór-o-Novo, um outro benemerito da humanidade, que veio depois a representar na Hespanha o mesmo glorioso papel. Referimo-nos ao nosso compatriota S. João de Deus, que, tendo nascido n'aquella villa, de paes humildes, e tendo-se transportado a Castella, ainda creança, foi alli pastor, soldado e vendedor ambulante, até que, aos 40 annos, abraçou a vida monastica, e á custa de esmolmas, fundou em Granada um hospital a que dedicou toda a sua vida com extremos de caridade e zelo, que lhe grangearam a fama de santo, que mais tarde a Igreja confirmou.

Vinte annos depois do fallecimento do santo enfermeiro, foi creada por bulla pontificia a Ordem dos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus, que tantos e tão relevantes serviços tem prestado á humanidade enferma.

O primeiro convento de Ordem que se fundou no nosso paiz foi na propria casa onde nasceu o santo.

A Ordem de S. João de Deus teve depois conventos e hospitaes em diferentes terras do reino taes como:

Lisboa, Elvas, Moura, Castello de Vide, Lagos, Penamacôr, Almeida, Monsanto, Bragança, Chaves, etc.



O carnaval no Porto — O cortejo dos estudantes
Trupia dos Barkanes

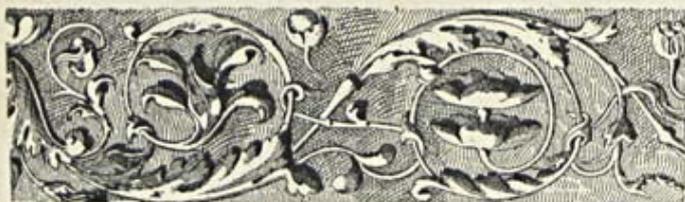
vista meramente biológico, e por um método puramente empirico de demonstração.

Guilherme James.



O carnaval no Porto — O cortejo dos estudantes
Um grupo de figurantes

(Phot. de C. P. Cardoso — Foz do Douro)



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXII

GENTES INDIGNADAS...

A nossa terra — mercê de Deus! — é a terra do platonismo. Do platonismo e do *amanhã*, como espirituosamente friza uma revista do anno agora em scena.

Toda a gente grita, toda a gente barafusta, toda a gente se indigna, toda a gente diz que isto assim não vae bem, que não pode ser assim, que estoira, que rebenta, que asphyxia. E dizem isto todos os dias começando a grunhir logo que se levantam e só se calando quando Morpheu os embala.

Mas toda esta indignada gente que passa a sua vida a dizer que estoira, que rebenta, que asphyxia, que isto não pode continuar assim, continua... na continuação geral!

Nós conhecemos um sujeito que de manhansinha, quando a carinhosa esposa lhe annuncia estar a agua quente para os pés já na bacia d'arame, começa logo no seu fadario ameaçador:

— Isto está cada vez peor, Mariquinhas!

E ao almoço, emquanto palita a refeição e lê os jornaes, vae rosnando sempre:

— E' de mais!... E' de mais!...

Na rua, no escriptorio, na avenida, no café, no theatro está aquella alminha santa sempre a protestar indignada, até que as torradinhas e o chá familiar da noite lhe dão a tarefa por finda e o fazem recolher ao leito conjugal, onde bocejando termina:

— Isto tem que estostrar! Basta...! Não podemos consentir! — e adormece como um bemaventurado.

Assim são milhares, se não milhões de portuguezinhos valentes que chamam protestos indignados e bravejam tezuras platonicas, ameaçando rachar este mundo e... o *outro*, mas que se trancam ao primeiro indicio de sarrafusca e nas horas vagas vão segredando ao ouvido dos democraticos as suas esperanças, chamando nomes feios aos almeidistas e camachistas, e a estes prestando a sua sympathia e áquelles a sua dedicação, dizendo mal dos dois restantes, alternando com pançadinhas amigas nos raros monarchicos que teem a coragem de o ser de rosto descoberto, chamando-lhes então, em segredo, dos *nosso*s.

E não ha gente mais valente do que esta... em casa com a familia. Ah!, no conforto do lar, bem aconchegados em fofos estofados, arrazam tudo... em espirito. Protestam dar a vida e outras miudezas quando fôr preciso; e só lamentam não haver mais meia duzia como elles, porque então, em tres voltas e meia mettia-se tudo nos eixos. Mas não ha a meia duzia restante, e, portanto, para que empregar um esforço isolado, infructifero, inglorio...!?

E a esposa esganica-se que o seu Alves é muito valente, mas, coitado, sósinho, que ha de elle fazer! Que já de mais elle se arrisca tornando-lhe a vida n'um sobresalto constante pela sua intrepidez... E o esposo continua intrepido a dizer que isto assim estoira, rebenta, pela certa — e vae filiar-se no Centro de S. Carlos, porque o continuo do escriptorio, que é cobrador d'aquella agremiação, já lhe perguntou tres vezes, com o sobr'olho carregado, se elle não estava ali inscripto, e com coisas sérias não se brinca porque — que diacho! — tem mulher e filhos!

Ah! se não houvessem mulher e filhos, que terra de heroes que era a nossa!

Eu creio mesmo que se um dia este paiz fôr ao fundo, apodrecido na inepecia em que se rebola, a culpa — a terrivel responsabilidade! — vae toda direitinha cahir sobre as esposas e os rebentos que cada um de nós tem em casa.

Se não fosse as consortes e os pimpolhos — caramba! — o que ahi não tinha já ido!

Ultraja-se e espesinha-se a crença e a fé; as igrejas são assaltadas, e os symbolos sagrados partidos ou levados em charola

de cortejos humilhantes e vexatorios — e os cinco milhões de creaturas indignadas vão para casa a fugir, metter-se debaixo da cama para ahi desabafarem n'uma cartinha anonyma, cheia de adjectivagem furiosa, dirigida á gazeta amiga,

E dizem então — «que é demais, sr. redactor, que se consinta que meia duzia de garotos pratiquem actos tão repugnantes que fazem córar de vergonha os sentimentos d'um paiz inteiro.»

Mas o paiz inteiro fica a córar entre os lençoes, que é parte propicia a acalmar bravezas.

Apodrecem nas prisões ha mezes — alguns já lá estão ha dois annos — accusados de delictos politicos, na sua maioria innocentes, no peor dos casos, culpados do mesmo delicto que elevou ás culminancias da gloria, do patriotismo e do poder os conspiradores d'hontem — e os cinco milhões de creaturas indignadas, com o rosto apoplectico, gritam que isto é deshumano, barbaro, intoleravel. Que só selvagens submetteriam ao regimen penitenciario e ás torturas inquisitoriaes das casas matas das fortalezas criminosas de delicto politico; que consentir em semelhante barbarismo é proprio de pelles vermelhas. E vão carpir a sua indignação no *bridgesinho* familiar com duas pancadinhas de galhofa fraternal no hombro do ministro da justiça, amigo velho dos bancos da escola.

Arranca-se do bolso chupado do contribuinte as ultimas migalhas, producto do mourejar diario de sol a sol, juntas á custa de privações e lagrimas — e os cinco milhões de creaturas indignadas bufam *basta! basta!* e dão murros de protesto ameaçador sobre a arca que já despejou todo o recheio no prégo.

E que isto agora é que chegou ao fim, porque vão atirar com a pezada albarda ao ar — segredam. Mas afinal só continuam atirando... com os seis vintens para a quota do Centro, onde o caudillo vae receber de vez em vez o vivorio dos seus amigos libertados da oppressão ominosa, que, mercê de todos os *separados* luzitanos, o transformou em simples detentor do que antigamente — nos tempos dos *jasuitas* — era inquestionavelmente seu: propriedade, mulher e filhos, tres coisas que hoje são de quem o sr. Affonso Costa mandar.

E' assim que vamos vivendo n'esta terra de gentes indignadas platonicamente, onde cada um espera que o seu ideal lhe caia pela bica do telhado, uma bella manhã, prompto e servidinho com o café com leite.

Desde D. Sebastião até ao sr. Paiva Couceiro que Portugal espera acordar um dia inundado em messianica luz. E como nos tempos de Alcaccer-Kibir, em que ninguem foi procurar o desaparecido, até julho em que todos esperaram em casa o emigrado realista a limpar as comendas com pomada amor e bebericando agua com bismuto para acalmar os impetos, os portuguezinhos valentes continuam aguardando a felicidade com a mesma ingenua crença com que as creanças esperam a vinda dos meninos de França dentro d'uma condessinha... por artes magicas!

Ora batatinhas!

CRISPIM.

Vaccinação contra a tuberculose e a febre tifoide

Muito recentemente foram feitas á Academia de Sciencias de Paris duas communicações muito importantes.

O Dr. Chatemesse communicou que tendo procedido á vaccinação anti-tifoide de cerca de 3100 marinheiros da armada, nenhum caso de febre tifoide observou n'esse grupo, de abril a dezembro de 1912; emquanto que em cerca de 68000 marinheiros não vaccinados se deram perto de 550 casos, ou sejam 0,8 0/0.

O Dr. Rappin communicou que tinha inoculado uma serie de cobaias (porquinhos da India) com um soro anti-tuberculoso por elle preparado; e, em seguida infeccionou por meio de uma injeção virulenta aquella serie de animaes ao mesmo tempo que outra não vaccinada. Os primeiros resistiram, ao passo que os segundos pereceram todos.

Tendo morto e autopsiado os animaes imunizados, não encontrou n'elles o menor vestigio de infecção tuberculosa.

D'estas experiencias se conclue o largo alcance que pôde ter, quando applicada á especie humana, a vaccinação contra a terrivel doença que é a tuberculose.

O homem é um exemplo de fraqueza, um despojo do tempo, uma imagem de inconstancia e uma balança de invejas e desventuras. — *Aristoteles*.

A VIDA ELEGANTE

O promettido, é devido! Os leitores desta secção que sentiram a sua curiosidade irritada com a brève referencia feita na ultima chronica á *reunião familiar em 1830*, resuscitada com grande rigór historico e graciosidade inexcedível, nesta éra banal, nas salas d'um elegante palacete da rua de D. Pedro V, podem verificar pelas gravuras que hoje inserimos, não ter havido exagéro de apreciação da nossa parte, quando affirmámos que esta festa se notabilizou, entre as risonhas solemnisações com que a Lisboa elegante registou este anno, a passágem do Carnaval. Desvende-se o mysterio, em que pése aos

trahida modéstia, que, segundo resam as chronicas do tempo, tão attraentes tornavam as lindas raparigas, que ainda conhecemos dóces e melancolicas avósinhas!...

A reconstituição foi completa. No salão viam-se os velhos retratos de familia, algumas pinturas ingénuas; nos tremós e consolos, evidenciavam-se os *bibelots* do tempo em que as conchas apañadas durante os passeios sentimentaes ás praias, eram o motivo ornamental obrigádo na confecção d'essas obrinhas de arte caseira; e tambem as flôres trabalhadas com escamas de peixe e os quadros biblicos subtilmente abertos a canivete nas pranchas de cortiça... Convidando ao discreto repouso e ao namóro vulgar de Linneu, que hoje dá pelo arrevesádo nóme de *flirt*, lá estavam dispostas as simples cadeiras de palhinha, as pesadas marquêsas de mógno, os archáicos sofás que ampararam docemente algumas gerações

VIDA ELEGANTE

Uma festa em casa da sr.^a D. Magdalena Trigueiros de Martel Patricio



Reunião familiar em 1830 — Um aspecto do salão

(Phot. de A. C. Lima)

organisadores d'essa esplendida e originalissima *soirée*. Esta interessante resurreição do mundanismo de há noventa annos, deu-se nas elegantes salas da sr.^a D. Magdalena Trigueiros de Martel Patricio e do sr. Conselheiro Francisco Patricio, pessoas que teem na sociedade lisboeta um lugar de justa evidencia, pela grande sympathia e alta consideração que a todos merecem.

M.^{me} de Martel Patricio, que é um espirito excepcionalmente culto, lembrou-se de reconstituir um d'esses galantes episodios da vida social de outros tempos. Communicada a ideia a bastantes pessoas das suas relações, logo foi acolhida com enthusiasmo tál, que em poucos dias, quantos trajos de *soirée* 1830-1850, existiam em Lisboa, — e até no Porto, eram disputados com ardoroso empenho, deixando alguns convidados de assistir á festa, pela impossibilidade de comparecerem na *toilette* exigida.

Oh, mas que bella, que original resurreição! Quantas *donas de tempos idos*, surgiram ante o nosso olhar extasiado cheias de graça e de bellêza, nimbadas d'aquelle encantador ársinho de re-

de beldades. Povoado o salão de convidados, — entre os quais se notavam o professor Rey Coláço, de velho Litz, admiravelmente caracterisado, Jorge Coláço imponentemente encarnado na figura marcial do marechal Saldanha, o dr. Albérto Pedróso, passeando a elegancia e espalhando o bom humór caustico do visconde de Almeida Garrett, a evocação resultou completa, surprehendente, admirável de graça e de originalidade! Para que a harmonia do conjunto, não soffrêsse, quatro, ou cinco convidados que se condemnaram expontaneamente este anno a *toilette* contemporanea forçada por toda a... quadra carnavalesca, — e o chronista da «Vida Elegante», *mea culpa, mea culpa*, foi do grupo destes *vendidos da vida*, tiveram de se contentar com as portas dos corredores, sendo-lhes absolutamente defêsa a entrada e muito especialmente a palêstra (em 1850 não se conhecia a *causerie!*) com as damas de saia e balão que avultavam na sala.

Como da boa práxe de todos os tempos, a reunião familiar não foi apenas limitada a convêrsa. Ao pianno Rey Coláço e a

sr.^a D. Elisa Baptista de Sousa Pedróso tocaram alguns trechos do *Poliuto*, opera em vóga na quádra ressuscitada; a sr.^a D. Branca de Gonta Coláço, — a encantadóra poetisa, disse admiravelmente alguns versos de seu páe, o poeta então na pujança do talento, que tantas e tão suggestivas melodias arrancáva á sua lyra de oiro; e Christovão Ayres, filho, recitou *A doida de Albano*, serie de estrophes que há oitenta annos faziam delirár de puro góso espiritual uma assembleia, — o que não succede hoje em táes condições de agrádo...

Completando os pormenóres désta curiosissima resurreição, dançaram-se as varsovianaas, as polkas, as válsas puládas, as imperiães, quantas danças a móda dêsse tempo indicáva com preferencia; e quando chegou a hora do chá e da ceia, os creádos serviram em bandejas axaróadas, decorádas de flóres de papel e *foguêtes* coloridos cheios de confeitos, as doçarias e biscoutos fabricados com um tal respeito pela tradição, que pareciam tór

PENSAMENTOS

E' rico o homem diligente que pode ter império sobre o tempo, tesouro da natureza!

D'Avenant.

Caminhai sempre para diante e a confiança vos acompanhará.

D'Alembert.

O caracter essencial da philosophia, o que a distingue de todos os outros conhecimentos, é a — universalidade. Abrangendo o mundo



Vida Elegante — Reunião familiar em 1830 — Outro aspecto do salão da sr.^a D. Magdalena Trigueiros de Martel Patricio

(Phot. de A. C. Lima)

chegádo n'aquélle instante, das cosinhas abobadádas dos velhos conventos de freiras!...

Eis uma rápida, uma pállida ideia do que foi éssa bella festa. Pelas gravuras que inserimos os leitôres da *Vida Elegante* facilmente avaliam o que offercia de original e gracióso o conjunto de tantos convidádos em *toilêttes* de rigór. N'esses grupos vêem-se muitas das pessóas de evidencia na nóssa sociedadade, que assim realisaram com tanto brilho e propriedáde a feliz ideia da sr.^a D. Magdalena Trigueiros de Martel Patricio.

A tyrannica falta de espaço obriga-nos a deixar para outro numero as referencias a factos, tão distinctos, como os saráus musicáes e litterarios, das sr.^{as} D. Leonór de Castro Guedes Rosa e D. Sarah da Motta Vieira Marques, que as chronicas mundanas dos jornáes diários registaram já como notabilissimos, sob todos os aspectos.

Na proxima chronica satisfarêmos portanto a natural curiosidade dos leitôres que não tiveram o prasér de assistir a éssas artisticas *soirées*.

LUIZ TRIGUEIROS.

em todos os seus aspectos, sem se preocupar especialmente com as accidentalidades ephemerias e com as peculiaridades dos seres, ella não tem um objecto seu, mas encara os phenomenos estudados pelas sciencias de um modo proprio, original, estabelecendo a ligação entre elles e fazendo surgir a concatenação harmonica do cosmos.

Clovis Belaqua.

Aquelle que não gosta dos defeitos de quem ama, não ama.

Calderón.

Não caseis com uma mulher que vos não ama, embora ella vos dê uma mina de ouro.

Lope de Vega.

O estudo confere sciencia, mas a meditação originalidade.

Marquez de Maricá.

As obras do Porto de Lourenço Marques

O PORTO de Lourenço Marques de cujas obras publicamos hoje tres photographias, parecia destinado a occupar a primeira posição como porta d'entrada e sahida do commercio transwaliano.

Não se pouparam os governos a despezas e labutas para o melhorarem quanto possivel, e desde o tempo do Conselheiro An-

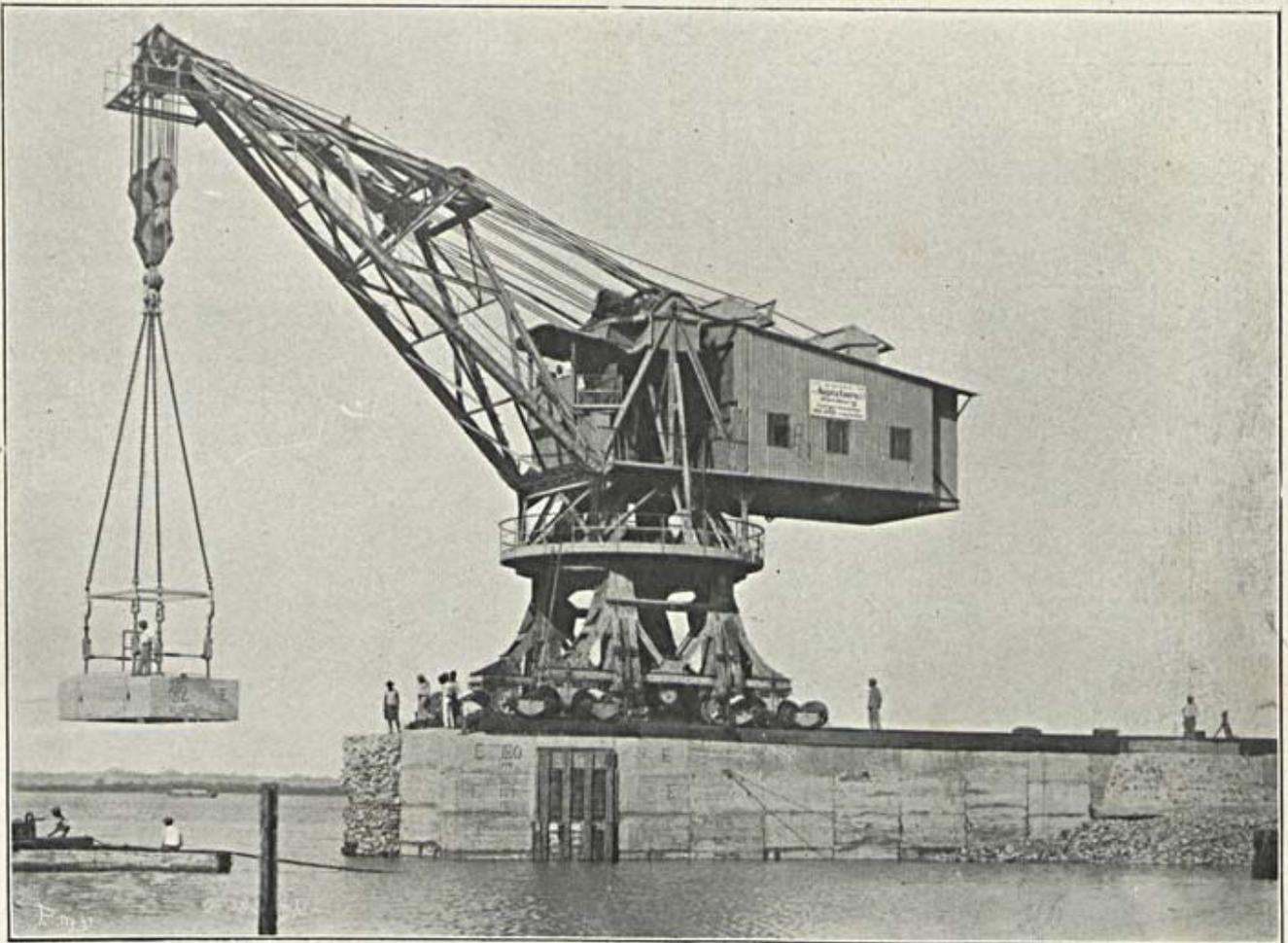
rão ainda para que esse muro completamente finalizado, limite o grande caes acostavel onde, ao mesmo, tempo poderão atracar 15 vapores de mais de cinco mil toneladas.

Será n'esse caes que ficará o terminus do caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transwaal e os vapores poderão, como já hoje fazem em menor proporção, baldear a sua carga para os vagonos do caminho de ferro e receber d'estes as trezentas mil toneladas de carvão do Transwaal que já actualmente se exportam por Lourenço Marques.

São numerosas as embarcações de todas as bandeiras que entram em Lourenço Marques e infelizmente, tirando algumas pequenas

ASSUMPTOS COLONIAES

Obras do porto de Lourenço Marques



Lançamento de blocos

tonio Ennes todos os dirigentes da provincia procuraram desenvolver-o e transformal-o no primeiro da Africa do Sul.

O seu caes acostavel, de madeira da Australia, os seus armazens enormes, os seus guindastes electricos, tudo custou uma somma de cêrca de tres mil contos fortes. Mas, feito de madeira, o *taré* entrou com elle e o velho caes em vesperas de alluir tem sido pouco a pouco transformado e substituidos os seus alicerces por columnas de cimento armado.

Por outro lado iniciou-se a construcção de um grande muro-caes, feito com blocos de cimento, pezando cada um cêrca de 32 toneladas e que um grande titan com sessenta toneladas de força vae successivamente collocando no logar que lhes é destinado.

Uma obra d'estas avança lentamente e muitos mezes decorre-

embarcações costeiras, a bandeira nacional só empaveza e protege os vapores da Empresa Nacional de Navegação, cuja frota foi em poucos mezes desfalcada com a perda dos vapores *Lisboa* e *Lusitania*, um dos quaes, o *Lisboa*, naufragou na costa Sul-Africana na sua primeira viagem.

Lourenço Marques tem hoje tramways e illuminação electrica, as repartições publicas installadas em magnificos edificios especialmente destinados para os serviços particulares de cada ramo de administração; largas avenidas, optimas casas de habitação, um bello jardim publico e dentro de poucos annos terminado o porto, acabadas as obras de saneamento, havendo chamado á sua bella praia da Polana os aquistas de todo o *hinterland*, será a mais movimentada e civilisada cidade portugueza.

LEI DA GRAVITAÇÃO

Agita-se do mar a superfície nua
A's forças de atracção do frio olhar da lua.

O cedro da montanha, o cedro colossal,
Treme a um fluido subtil, magnético, animal.

As leis de repulsão e de atracção dos mundos
Equilibram os sóes nos páramos profundos

A materia immortal, potente, unica e forte
Submette-se á pressão *ephemera* da Morte...

Ha uma lei que atrae os corpos para o solo;
O pombo quer a rôla, a agulha busca o polo.

Como não queres tu que eu siga, deslumbrado,
De teus pequenos pés o rastro illuminado?...

Rio de Janeiro.

MUCIO TEIXEIRA.

ESTIO

Redoura o sol as espigas
Nas eiras e na planura;
Com as foices na cintura
Vão á ceifa as raparigas.

Desafiam nas cantigas
O moço que se aventura;
Combates que o padre cura
Acalma sem desobrigas.

Mas se falham a vontade
E os bons officios do abbade
Que os solteiros aconselha

E' certo fazer as pazes
De cachopas e rapazes
Alguma espiga vermelha...

BELMIRO.



Obras do porto de Lourenço Marques — Construção de blocos de 32:000 kilos

INVERNO

Lá fóra o vento é cortante,
Cae a chuva sem piedade.
Ruge o mar com anciedade
Quebrando a vaga arrogante.

Junto do lar crepitante
Escutando a tempestade
A velhinha com saudade
Recorda tempo distante.

Fôra, em noite assim d'horrores,
Que perdera os seus amores,
Sem lhe valer o chorar.

E a velhinha vae rezando
Pelos que andam navegando
Nas aguas negras do mar.

BELMIRO.

O Carnaval no Conservatorio

Os festejos no Conservatorio decorreram, como todos os annos, no meio do maior enthusiasmo, acorrendo áquelle estabelecimento de ensino algumas familias da nossa melhor sociedade. Representou-se a parodia ao celebre dialogo do *Justo e do Injusto*, de Aristofanes, e a revista *Meia desfeita*, de que foram auctores os alumnos Othello de Carvalho e Baptista Ripado.

A revista teve alguns numeros cuja interpretação o publico sublinhou com a sua alegria e com os seus applausos, entre os quaes lembramos o «coro da pandeireta», os versos da «Theatralia», recitado por Sarah Lima, a sessão de somnambulismo desempenhada por Othello de Carvalho e Ayres Torres e a cançoneta «Ai ba» da *Côrte de Pharaó*, cantada por Giuseppe Levy.

A seguir ao espectáculo realizou-se o baile dançando-se animadamente até ás 5 horas da manhã.

A vaidade é o calcanhar de Achilles do genero humano. Todos a possuem, e os que dizem não a ter são os mais vaidosos.

Chateaubriand.

THEATROS

Chronicas theatraes — Primeiras representações

Nacional. — *Gente moça*, peça em tres actos, de Bento Mantua.

Republica. — *A tomada de Berg op-Zoom*, de Sacha Guitry, traducção de André Birun — *Auto... aqui!*

Na *Gente moça*, Bento Mantua é, como nas suas anteriores peças, fundamentalmente sincero e honesto; e se n'este seu novo trabalho ha tambem conflicto de paixões, como na *Má sina* e no *Alcool*, resolve-as com mais serenidade, sendo as suas personagens de uma psychologia simples e sem refolhos de linguagem, embora esta seja um tudo nada rethorica e evada de romantismo.

Em duas palavras se resume o entreccho da *Gente moça*: — Um advogado, Henrique de Carvalho, quinquagenario e viuvo, são de corpo e de espirito, encontra, em casa de uma familia respeitavel e que elle frequenta assiduamente, uma rapariga Magdalena de Lencastre, a quem narra o seu isolamento, pois que seu filho Fernando está no estrangeiro estudando, e termina por propôr-lhe com lealdade e singeleza se quer ligar a sua mocidade á sua velhice; Magdalena que tem o coração livre e em subido apreço as bellas qualidades de caracter e de espirito do seu velho amigo, acceta sem hesitação a proposta. E ao começar a acção reina plena felicidade no lar do velho advogado. Para este, ha apenas uma nuvem a empanar-lhe a felicidade — a ausencia do filho, que elle se habituou a considerar como um verdadeiro amigo.

N'isto, Fernando, que tem completado na Allemanha o seu curso de engenharia, regressa a Lisboa; e elle, que por intermedio da epistolographia combatera tal enlace, pondo em guarda seu pae contra aquella fraqueza — querer casar-se com uma rapariga, elle, Fernando, em presença da serena seducção, que Magdalena espalha em volta de si, sente-se vencido, confessando-o com sinceridade á sua propria madastra. Mas, postos frente a frente, aquelles dois entes cheios de vida e mocidade, começam por estudar-se, apreciar-se reciprocamente e sem o presentir apaixonam-se um pelo outro. Não ha convenções, respeito filial nem leis sociaes que os detenham! E' a mocidade que n'elles falla mais alto, que os atrahie irresistivelmente.

Quando cáem em si, quando analysam o abysmo em que aquella paixão os pode lançar, tentam lutar, esmagar o coração; e Fernando encontra um unico remedio: quer afastar-se para sempre.

Um velho medico, leal amigo da casa, o Dr. Guilherme Fernandes, é o primeiro a constatar aquelle phenomeno, aliás naturalissimo, em *gente moça*, mas que vem dar um golpe tremendo na felicidade do lar do advogado. O medico provoca as confidencias de Fernando, e este que tem luctado contra aquelle sentimento, que traiçoeiramente, sem o presentir, se apoderára d'elle, dominando-o, escravizando-o, para fugir ao inevitavel, quer a todo o transe collocar uma barreira insuperavel entre elle e Magdalena — expatriar-se.

O advogado, que se sentia radiante com o regresso do filho, e que contava tel-o para sempre a seu lado, não quer acreditar no disparate d'aquella subita resolução. Mas, perante o cerrado inquerito a que submete Fernando, arranca-lhe a confissão do motivo que o aconselha a afastar-se.

O pae de Fernando, sente-se atordoado, como se uma pedrada lhe despenhasse sobre a cabeça. A dôr é cruel, lancinante, pois vê desmoronar-se toda a felicidade sonhada.

Mas como espirito superior que é, encara a situação á luz da philosophia e deplorando tal calamidade, pende, soluçante, a sua cabeça encanecida no regaço amigo da velha Libania — a governanta — que então a cantilena suave e melancolica com que embalára o pequeno Fernando.

E cae o panno, deixando ao espectador o cuidado de achar o desenlace que melhor lhe quadre.

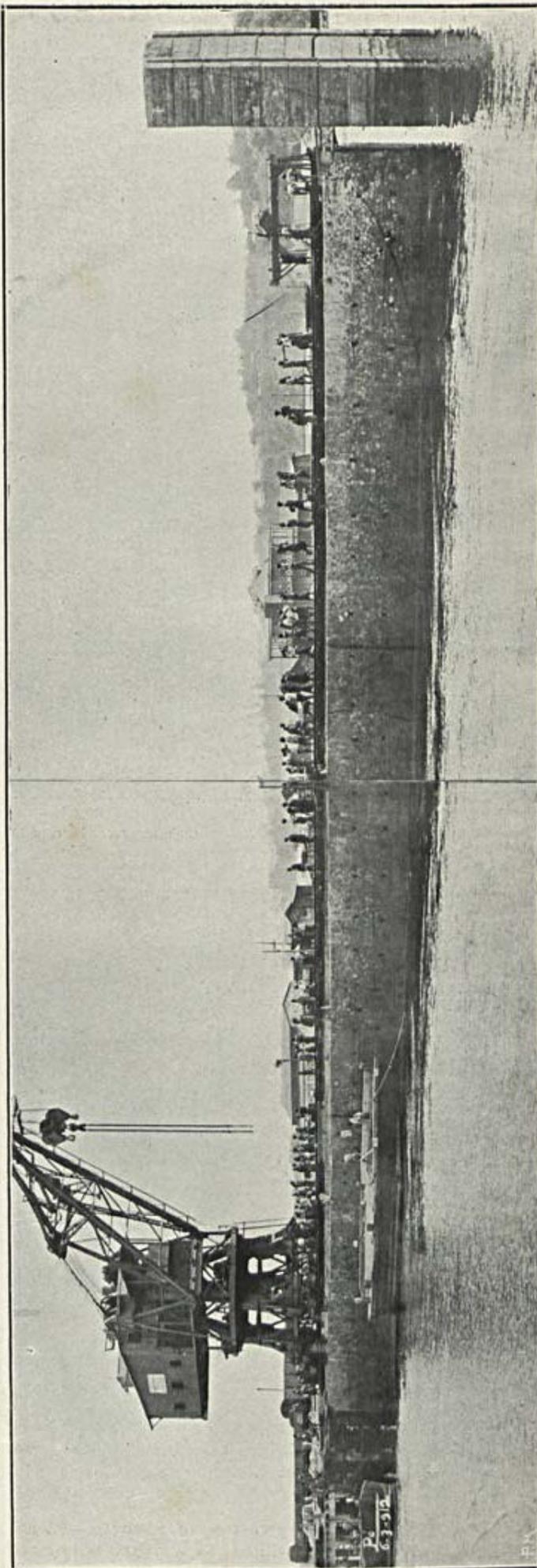
E este desfecho excessivamente theorico, que não agrada á maioria dos espectadores, cujo modo de ver André Brun synthetisa admiravelmente nas sensatas linhas da sua apreciação:

«O desfecho é, na realidade, d'um optimismo um pouco forçado e pela nossa parte, desejaríamos que Mantua começasse a sua peça no ponto em que a concluiu e nos apresentasse o conflicto, que na sua peça não existe: a lucta — embora dentro dos sentimentos nobres que são timbre das suas figuras — entre pae e filho para a posse da mulher amada, hesitante entre o dever moral e a inevitavel attracção physica. A peça teria então a grandeza que lhe falta. Assim, soluciona-se facilmente n'um quarto de hora de explicação entre os tres interessados e, na verdade, a solução poderá contentar o nosso sentimentalismo piegas mas é absurda em face da vida, tal qual ella é com as suas leis fataes.»

O desempenho foi de uma correcção e homogeneidade deveras notavel e a que tão pouco estamos habituados em palcos portuguezes, sobrelevando a todos os interpretes Carlos Santos, que no papel de «Fernando» tem um trabalho credor de sinceros elogios, tal a sobriedade e correcção que imprime á figura que exteriorisa.

Lucinda do Carmo, compoz uma figura deliciosa de naturalidade na governanta «Libania». Como ella diz e como ella sabe ouvir, a especializar a grande scena muda quando no 2.º acto ouve discurrir o velho medico acerca do amor!

Palmyra Torres, arcou com as responsabilidades do papel de «Magdalena» e, se não conseguiu ser irreprehensivel em toda a peça, scenas houve, como a sua entrada no 3.º acto, dignas de sinceros encomios.



Obras do porto de Lourenço Marques — Caes acostavel mostrando a ponte já construída com blocos de cimento

Uma festa no Conservatorio



Os interpretes da revista «Meia Desfeita»



No Conservatorio — *Alguns dos principaes interpretes da revista «Meia Desfeita»*—Valente Sequeira, Antonio Gouveia, Giuseppe Levy, Baptista Ripado e Arnaldo Brandeiro

(Phot. de A. C. Lima)

Pinheiro e Ignacio, respectivamente, o *Advogado* é o *Medico*, representaram soberbamente os seus papeis.

A estreante Albertina de Oliveira, vinda do Gymnasio, tem boas faculdades para a scena, a começar pela figura e apresentação. É um bom elemento que o Nacional deve aproveitar Calazans correctissimo no papel de creado.

Excelente o scenario de Pina e Mergulhão. Encenação primorosa de Pinheiro. Magnifico o mobiliario.

O chefe do Estado assistiu ao espectáculo tendo, n'um dos intervallos, mandado chamar ao camarote presidencial, Bento Mantua, a quem felicitou pelo exito obtido.

Republica. — O visconde S. Luiz de Braga foi felicissimo na escolha do repertorio carnavalesco, pois tanto a *Tomada de Berg-op-Zoom*, como a *charge* «Auto... aqui!» agradaram em toda a linha. Sacha Guitry, o brilhante auctor da *Tomada de Berg-op-Zoom*, e elle proprio interprete do papel de commissario, no *Vaudeville*, de Paris, encontrou em André Brun, o traductor ideal para a sua peça, pois o nosso compatriota, transplantando-a para portuguez, conservou-lhe toda a scintillancia do dialogo, achando todas as equivalencias aos ditos espirituosos, á *verve* verdadeiramente gauleza de Sacha Guitry.

Crêmos que Guitry ao escrever esta peça, não se preocupou com escolas, nem theses, nem psychologias de caracteres, antes teve apenas em mente escrever uma comedia chistosa, d'aquellas que os francezes classificam de *petite pièce boulevardière*. E conseguiu plenamente o seu desideratum, pois o comico das situações, o ridiculo de algumas personagens e a scintillancia da dialogação arrancam gargalhadas aos espectadores mais hypocondriacos.

O desempenho tambem muito concorreu para o magnifico exito da peça, devendo destacar-se a interpretação superior de Chaby, no papel de *commissario de policia conquistador*, de Emilia de Oliveira, de Henrique Alves.

«Auto... aqui!» é uma pequena revista, original de «Eu», «Tu» e «Elle», nomes conhecidos de revisteiros applaudidos e que a *loup* não conseguiu disfarçar, pois são elles dos poucos que tendo realmente graça despertam a hilariedade, escrevendo sempre honestamente. E no entanto o genero é bastante difficil. Lá o dizia ha dias o critico parisiense L. Borgex: — *Il faut beaucoup de talent por faire rire.*

«O Auto... aqui!» começa por um prologo dito por Henrique Alves que se apresenta caricaturando um poeta em evidencia, muito dado a *saraus vicentinos*. A flagrante semelhança e a *forma* de dizer peculiar ao citado poeta, despertaram immediatamente franca gargalhada.

Seguem-se uns quadros, tendo por compères o «José Gordo» o expedidor dos electricos do Rocio e «Gil Vicente» que desce do seu pedestal do frontão do ex-D. Maria e começa a desenrolar-se uma fita que corre ao vivo, um *film* ostentante, em que prepassam vultos em evidencia na politica militante, e outros em que esfusio o espirito, a graça, os ditos chitosos; as replicas ricochetam e estrugem sem fazer sangue. É uma *charge* espirituosa, finissima, que o publico sublinhou de principio ao fim com a mais espontanea hilariedade.

THEATROS



THEATRO DA REPUBLICA — A *Tomada de Berg-op-Zoom* — Chaby e Emilia de Oliveira na scena do calendario, no 3.º acto



THEATRO DA REPUBLICA — A *tomada de Berg-op-Zoom* — Final do 4.º acto — Chaby e Emilia de Oliveira e Henrique Alves e Judith de Mello (Phot. de A. C. Lima)

THEATRO DA AVENIDA



A actriz Angela Pinto

No *Auto... aqui!* Chaby é impagável no «José Gordo»; Emilia de Oliveira, accentuou com graça e malícia os seus *couplets* e Henrique Alves foi felicíssimo na caricatura do poeta e no fadista.

De resto todos os interpretes, e é quasi toda a companhia do **Republica** que entra no «*Auto... aqui!*», se houveram excel-

lentemente, contribuindo para o hilariante successo que obteve a *charge* carnavalesca.

1 — Fevereiro, 1913.

F. M.

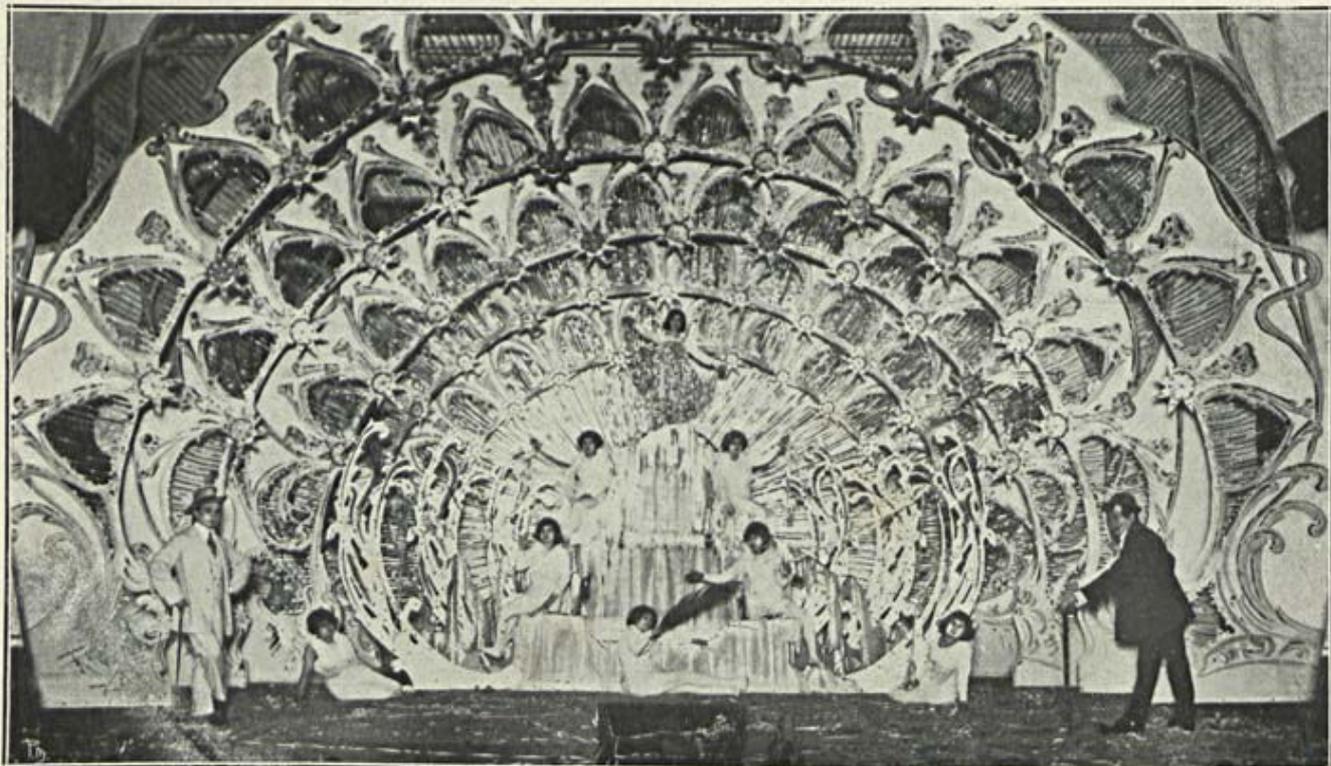
Nota: — Por incommodo de saude, não poude o nosso prezado collega Ferreira Mendes assistir ás *premières*, que nos ul-



Angela Pinto no «boy-scout» da revista «Alerta»

timos dias se succederam nos theatros do **Gymnasio. Republica e Nacional**. Como porém, se trata de tres legitimos successos theatraes serão tratados, no proximo numero, com o desenvolvimento que merecem as peças: *Principe Herdeiro*, *O Assalto* e a *Marcha Nupcial*.

THEATRO DA AVENIDA



[Final do ultimo acto da revista «Alerta»

(Phot. de A. C. Lima)